

Palestra do Guia Pathwork® n° 105
Palestra Não Editada
8 de junho de 1962

O RELACIONAMENTO DOS HOMENS COM DEUS NOS VÁRIOS ESTÁGIOS DO SEU CICLO DE DESENVOLVIMENTO

Saudações, queridos amigos. Deus abençoe a todos. Abençoada seja esta hora. Abençoados sejam os seus esforços. Abençoado seja o seu trabalho.

Antes de começar a palestra desta noite, gostaria de apresentar nossos agradecimentos, do mundo do espírito, a todos os meus amigos que trabalham neste Caminho de autoconhecimento. Pois isto é, na verdade, algo que merece agradecimentos. Nada no mundo todo é tão proveitoso quanto cada pequeno passo que cada pessoa dá em direção ao maior autoconhecimento. Nada pode ajudar tanto a eliminar o sofrimento e a confusão quanto os esforços de cada um nessa direção. O desejo sincero de encarar a verdade de si mesmo, a realidade que é a de vocês no momento presente, é a única maneira de ajudar não só a si mesmo, mas de ajudar a melhorar a situação em toda parte. Nenhuma outra coisa pode eliminar a luta. Todos vocês fizeram progressos a esse respeito no ano passado. Cada um de vocês ganhou um pouco mais de compreensão sobre si mesmo. Todos vocês, alguns mais, outros menos, estão um pouco mais capazes de se verem como realmente são, talvez ainda não inteiramente – isso é verdade – mas com certeza mais que há um ano. Portanto, foi um ano proveitoso, mais do que vocês podem imaginar. Acreditamos que, depois dessa breve interrupção de nossas atividades, o próximo ano trará ainda mais progresso nessa direção – a capacidade de se enxergarem como realmente são. Quando falo em progresso, quero dizer a eliminação daquilo que impede de ver o que existe, e não a fuga do que existe, com base na falsa ideia de que o progresso espiritual é tentar ser aquilo que vocês ainda não podem ser.

Na vida cotidiana, vocês têm muitas possibilidades de se verem como são, de comprovarem o que realmente sentem, em vez daquilo que procuram sentir. Todos vocês precisam procurar sempre ficar atentos para a realidade do que são, para cultivar a consciência. Depois desse ano tão proveitoso, espera-se que a maioria de vocês, meus amigos, depois de talvez superarem uma defesa aqui, uma resistência ali, vão penetrar mais fundo nos níveis emocionais, de modo a se tornarem cientes primeiro da existência, e depois da importância deles. Esse maior entendimento vai libertar vocês cada vez mais, depois que ficar claro que o medo inicial não tem razão de ser; vocês não podem permitir que esse medo os detenha, mas é preciso enfrentá-lo, examiná-lo, entendê-lo, em vez de reprimi-lo, e depois aceitá-lo.

E agora, meus amigos, vamos passar para o assunto desta noite. Gostaria de discutir a relação do homem com Deus no ciclo do desenvolvimento, nas diversas etapas do ciclo que o homem atravessa. Na última palestra falei sobre o estado de ser sem consciência, como o primeiro estágio do grande ciclo. O homem primitivo, durante suas primeiras encarnações, ainda está próximo desse estado de ser sem consciência. Ele vive a cada dia, cuidando de suas necessidades imediatas. A mente ainda não está desenvolvida e, portanto, não está equipada para fazer perguntas, duvidar, pensar,

discriminar. Ele vive no agora, mas sem consciência. Para viver no agora e ter consciência, é preciso passar por várias etapas.

No decorrer do desenvolvimento, o homem a princípio usa a mente para suas necessidades imediatas, que se tornam mais urgentes à medida que a civilização aumenta. Em outras palavras, a princípio ele usa a mente concretamente. Mas depois começa a usá-la abstratamente. Começa a fazer as perguntas importantes que preocuparam a humanidade desde o início dos tempos. Essas perguntas são: “De onde vim? Para onde vou? Qual é o sentido da vida? Qual o significado deste universo?” O homem começa a perceber a natureza e suas leis. Ele observa a grandiosidade das leis da natureza. E começa a refletir. Esse primeiro maravilhamento representa os primeiros passos conscientes para a ligação com o Criador. “Quem criou essas leis? Quem fez tudo isso? Existe uma mente superior responsável por esta criação?” Com essas perguntas, surgem as primeiras ideias sobre Deus. Assim, quando o homem conclui que precisa haver alguém infinitamente superior, mais sábio, mais inteligente, ele sente que precisa ligar-se a esse Ser supremo.

Mas simultaneamente, a imaturidade espiritual e emocional do homem, que gera o medo e muitas outras emoções problemáticas, matiza esse conceito de um Criador superior. Por um lado, ele quer uma autoridade que pense por ele, que decida por ele e, assim, seja responsável por ele. Apegase a essa autoridade na esperança de se livrar da responsabilidade por si mesmo. Por outro lado, seu medo da vida e sua incapacidade de lidar com ela projetam-se nesse Deus. Ele sente o poder desse Criador imensamente sábio e engenhoso que fez todas as leis naturais que pode ver. Como ele ainda não consegue separar o poder da crueldade, começa a temer esse Deus, resultado de sua projeção. Começa então a aplacar, bajular, submeter-se e deixar-se reprimir por esse Deus imaginário.

Resumindo: a primeira fase de despertar faz com que o homem se admire. Nessa experiência espontânea de admiração e percepção, muitas vezes ele tem uma genuína experiência e um relacionamento autêntico com Deus. Mas depois, quando se torna mais conflitado e temeroso, quando seus desejos ficam mais prementes, todas essas emoções e atitudes matizam sua primeira experiência de Deus e o homem deixa de relacionar-se com Deus com base numa experiência autêntica, espontânea e criativa, e sim com base numa projeção de si mesmo.

Quanto mais a mente se desenvolve num só sentido, sem ser usada para solucionar os problemas e conflitos que ficam ocultos da consciência, mais falso se torna esse relacionamento com Deus – falso porque se baseia em necessidades pessoais, tomando seus desejos como realidade e em medo. Quanto mais isso perdura, mais falso se torna o conceito de Deus – consciente ou inconscientemente. No fim, acaba sendo uma superstição, com menos verdade e mais dogma.

Quando isso acontece incessantemente, o homem chega a um ponto, depois que sua autêntica experiência e percepção iniciais se transformam em superstição, em que Deus se torna uma farsa. Onde ele já não pode continuar nessa tendência, sua inteligência, que nesse meio tempo aumentou, o impede de continuar indefinidamente nesse caminho. A inteligência então diz: “não é possível que exista um Pai que conduz a nossa vida. Isso cabe a nós. É nossa responsabilidade. Temos livre arbítrio.” E tem início a reação. E então muitas vezes o homem se volta para o outro extremo e se torna ateu.

O ateísmo existe de dois modos: 1) absoluta falta de consciência e percepção da vida e da natureza, de suas leis e da importância da criação; 2) reação à imagem supersticiosa de Deus e a auto-

projeção do homem, negando a responsabilidade por si mesmo. Esse último tipo de ateísmo, por mais errôneo que seja, indica um estado de desenvolvimento superior do que uma crença em Deus. Esta deriva principalmente de medo, fuga, escapismo, tomar seus desejos como realidade (*wishful thinking*), negação da responsabilidade por si mesmo. Muitas vezes é um período de transição necessário rumo a uma experiência, a uma relação mais realista e autêntica com Deus. Nessa fase, o homem cultiva as faculdades da maior importância para seu crescimento individual. Isso não significa que eu defenda o ateísmo, como tampouco defendo a crença infantil, dependente, em Deus. As duas coisas são etapas. Em cada etapa a alma aprende algo importante. Alguma coisa duradoura e produtiva fica marcada na alma, até muito depois de as camadas superficiais da mente terem abandonado esses dois extremos falsos.

Nessa segunda fase de ateísmo, o homem aprende a assumir a responsabilidade por si mesmo. Ele abandona a mão que, segundo seu desejo, conduziria a vida por ele, que o absolve das consequências de seus próprios erros. Com isso ele renuncia à expectativa de ser recompensado por obedecer às regras. Ao mesmo tempo, o homem se liberta do medo de ser punido. De certa forma, ele se reencontra.

Mas depois de um determinado ponto dessa fase já não é possível manter o conceito do ateísmo. Quanto mais se leva qualquer pensamento, conceito, fato científico ou filosofia até seu fim e conclusão lógicos, menos é possível manter uma não verdade ou meia verdade, ou mesmo um estado temporário que, num certo período, teve uma função saudável. Quando o homem atravessa essas várias fases aqui descritas sucintamente, ele fatalmente chega ao ponto em que usa a mente para questionar suas próprias motivações, para olhar para si, para dentro de si. Assim, ele cultiva a consciência encarando a realidade interior. Ao fazê-lo, ocorre a liberação de níveis cada vez mais profundos de sua psique. A experiência autêntica de Deus é o resultado inevitável. Essa experiência autêntica de Deus é muito diferente da crença infantil em um Deus que é uma projeção do eu, que a mente criou por medo, fraqueza e o desejo que se quer que seja realidade. O homem já não age porque acha que Deus exige ou espera isso dele. Ele vive no agora. Ele não teme sua imperfeição e não tem medo de que Deus vá puni-lo por isso. Ele consegue ver isso sem se agitar freneticamente – entende seu mal, mas não o teme. Consegue entender que não é a imperfeição em si que é o mal, e sim a falta de consciência dela; o medo de ser punido por ela; o orgulho de querer estar acima dela. Sem ficar desvairado, ele tem a tranquilidade para observar a imperfeição, e assim entender seus antecedentes e a razão de sua existência. Ao atravessar esse processo, o homem supera a imperfeição. Ao cultivar essa atitude, ele torna possível a experiência autêntica de Deus. Por outro lado, é o vislumbre ocasional, a noção dessa experiência que facilita a atitude correta consigo mesmo.

Essa experiência autêntica de Deus é ser. Deus não é percebido como ação – punição ou recompensa, ou orientação por determinados caminhos a fim de evitar o esforço do homem. Ele percebe que Deus é. Isso é muito difícil de explicar em palavras, meus amigos. Mas só posso falar assim. Vocês não poderão chegar a essa noção de que Deus é se não encararem primeiro o que é nesse momento em vocês - por mais imperfeito, falho ou infantil que seja.

Seria errôneo supor que cada uma das fases que descrevi em linhas gerais ocorre em uma sequência bem delineada. Elas se sobrepõem. Nem sempre ocorrem nessa ordem, porque a personalidade humana não é constituída de um só nível. Como vocês sabem, ela é conflitante. Diferentes camadas da personalidade expressam diferentes atitudes em qualquer momento dado, mesmo a respeito dessa questão. Portanto, é possível que em um determinado período da vida de uma pessoa ela

esteja conscientemente em uma etapa e inconscientemente em outra. Somente depois de entrar nesse Caminho de autoconhecimento é que a etapa inconsciente oculta vem à tona. Dessa forma, acontece muitas vezes que em um período posterior aflora alguma coisa que parece pertencer a uma etapa posterior. Isso também se deve ao fato de que alguma etapa necessária não foi inteiramente vivida, e sim reprimida em função de influências e pressões exteriores. Portanto, minha descrição é apenas um esboço geral e vago. Tomem cuidado para não julgar a si mesmos ou aos outros de acordo com o que vocês vêem. Mas, de modo geral, esse é o ciclo que a humanidade atravessa.

A autoconsciência acaba necessariamente levando ao estado de ser em consciência. Simultaneamente, passa a existir um novo relacionamento com Deus. Deus é sentido como sendo. Repito, vocês não poderão chegar lá se não viverem primeiramente, de modo negativo, aquilo que existe agora. Tampouco poderão chegar lá através dos conceitos aprendidos, das filosofias e práticas observadas, das doutrinas seguidas. Se vocês não estiverem dispostos a viver até o fim, a ser o que são nas confusões atuais, nos erros e na dor, enfrentando e entendendo, jamais poderão ser em Deus. Dito de outra forma, vocês não poderão viver em um estado de felicidade, paz, criatividade sem luta, se não enfrentarem a realidade temporária, muitas vezes desagradável. Somente então poderá ser vivida a grande Realidade. Essa Realidade virá a princípio na forma de vislumbres ocasionais e vagos. Mas isso lhes dará uma nova abordagem, uma nova relação com Deus. Não vai apenas transformar suas atitudes e conceitos em relação a Deus, mas também os conceitos sobre vocês mesmos, sobre seu lugar na vida.

Nem é preciso dizer que no relacionamento do homem com Deus, a prece – ou seja, sua conversa com Deus – também atravessa essas fases. As preces são expressões das diversas fases. Muitas vezes acontece, como com tudo que existe na terra, que o homem está de fato interiormente em nova fase, enquanto por fora continua se agarrando a velhos padrões de hábito - padrões que ele adotou em uma etapa anterior. Isso não se aplica somente ao modo como o homem ora, mas também a determinados conceitos aos quais ele se agarra, na mente consciente, enquanto internamente já os ultrapassou. A mente é formadora de hábitos. O hábito é uma qualidade intrínseca da mente. A experiência advinda de ser jamais forma hábitos. É apenas a mente que o faz. A memória, combinada com a tendência a formar hábitos, é o perigo da mente com respeito à verdadeira experiência espiritual. Quanto mais flexíveis vocês forem, menos cairão na armadilha de construir padrões de hábitos, de se apegar a velhos conceitos e ideias que no passado proporcionaram uma experiência e que vocês desejam, dessa forma, recriar.

Se vocês se treinarem cada vez mais para encarar o que existe em vocês agora, vão liberar-se dos padrões de hábitos que os impedem de viver produtivamente, de ter experiências reais, seja de Deus, da vida, de si mesmos. É tudo a mesma coisa, isso é ser. Não é o hábito que entalhou determinadas experiências na sua mente de forma tão profunda que essas experiências se transformaram em uma imagem rígida? Não é o hábito que faz vocês sustentarem concepções errôneas, conclusões erradas, generalizações que, no máximo, são apenas meias verdades? Isso se aplica a muitas coisas, meus amigos.

Quero enfatizar de novo que sempre que vocês descobrem essas atitudes erradas em si mesmos, tomem cuidado para não sentir culpa, para não entrar em agitação, para não achar que isso “não deveria ser assim”. Essa atitude é a maior barreira, a maior de todas!

E agora, meus amigos, vamos às suas perguntas.

PERGUNTA: Tentei explicar o que você nos falou sobre o espírito e o livre arbítrio a duas pessoas – uma pessoa muito religiosa e um cientista. Elas perguntaram se Deus é onisciente e amoroso, ele também conhece o futuro. Se ele conhece o futuro, e nos deu livre arbítrio, ele sabe o que faremos. E isso eu não consegui responder.

RESPOSTA: Em primeiro lugar, o futuro é um produto do tempo. E o tempo é um produto da mente. Portanto, na realidade, o futuro não existe. Assim como o passado não existe. Sei que isso é impossível de compreender para a maioria das pessoas. Fora da mente, há o ser – ou seja, sem passado, presente ou futuro, apenas o agora. Pode-se, no máximo, ter uma vaga percepção disso pelo sentimento e não pelo intelecto.

Além disso, essa pergunta decorre da mesma concepção totalmente errônea que descrevi nessa palestra: ela mostra o conceito do Deus que age, faz. A criação, no seu verdadeiro sentido, não é uma ação, e certamente não é uma ação presa ao tempo. Quando Deus criou o espírito, foi fora do tempo, fora da mente, no estado de ser. Cada espírito é, nesse sentido, semelhante a Deus e cria sua própria vida. Deus não tira nem acrescenta.

Tenho ainda uma coisa a acrescentar: o homem está totalmente iludido quando acredita que a dor e o sofrimento são horríveis em si mesmos. Por favor, procurem entender o que estou dizendo. O medo descomedido do sofrimento é extremamente irrealista, e também um produto da mente, um erro. O homem tem medo da dor e do sofrimento principalmente porque acredita que isso nada tem a ver com ele, que isso pode acontecer sem que ele seja o responsável. Em outras palavras, é uma injustiça ou uma coincidência caótica. Mas uma vez que ele percebe que toda dor que sente decorre da sua fuga da verdade e da realidade, uma vez que ele entende isso não apenas como um princípio, mas faz as ligações, ele deixa de ter medo. Ele vê a chave muito antes de poder começar a usá-la. Ele deixa de se proteger contra a pretensa arbitrariedade da vida, diante da qual se sente impotente. Assim, seu sofrimento assume uma feição totalmente nova e passa a ser produtivo.

Isso, por sua vez, faz com que o homem perceba que o verdadeiro sofrimento não é tão ameaçador quanto o medo do sofrimento e sua atitude em relação a ele. Em pequena medida, muitos de vocês já passaram por isso. Vocês viram que ter medo de alguma coisa que ainda não aconteceu é muito pior do que passar pela experiência real. E vocês também viram como a dor assume um novo aspecto depois que vocês entendem plenamente de que forma a criaram. Se vocês observarem essa cadeia de fatos interiores, abstendo-se de perfeccionismo, lições de moral e justificativas, a dor imediatamente se atenua, embora a situação externa continue a mesma. Quando vocês aceitam verdadeiramente a sua realidade, também podem aceitar a imperfeição da vida como tal. Sem se rebelar contra a imperfeição, muitos padrões se transformam e vocês provocam menos sofrimento para si mesmos. Mas a expectativa consciente ou inconsciente de que a vida deve ser perfeita faz com que vocês se revoltam, resistam, levantem barreiras que podem provocar mais imperfeição e sofrimento do que deveria haver na vida. Portanto, é a atitude de vocês em relação ao sofrimento, à vida, ao seu lugar na vida e em relação a si mesmos, que determina de que modo vocês vão vivenciar o sofrimento. Se a atitude do homem em relação ao sofrimento não fosse tão distorcida quanto em geral é, ele constataria que os problemas que precisa solucionar para conquistar a mente e o espírito são belos. Eles são as coisas mais belas da vida terrena. Somente quando vocês vencem a resistência e a cegueira, a falta de consciência de si mesmos é que vocês podem vivenciar a beleza da vida, mesmo que em

certos períodos estejam passando por uma fase difícil e, em outros, vivendo a felicidade e a satisfação.

Quando o homem chega mais perto desse entendimento, uma pergunta como essa nunca seria feita. Ela é tão confusa, contém tanta cegueira e falta de percepção da realidade, mostra tanta imaturidade espiritual que não pode nem ser respondida de qualquer forma que faça sentido para quem pergunta. Vocês não podem entender através da mente aquilo que está além da esfera da mente. Para isso é necessária outra faculdade, mas enquanto a existência dessa faculdade é negada, como é possível levar a pessoa a finalmente entender?

Essa pergunta também contém um conflito eterno na humanidade – o conflito de conceitos religiosos. Por um lado, o homem postula que Deus é um Pai onipresente que age como quer, que recompensa quem obedece à Suas leis, que guia sem a participação ativa de vocês na vida interior, desde que peçam com humildade. Por outro lado, postula-se que o homem tem livre arbítrio, que ele faz seu próprio destino, que é responsável por sua vida. Ao mesmo tempo em que a religião prega esse último ensinamento, ela também coíbe a livre decisão e a responsabilidade por si mesmo, na medida em que força o homem a obedecer a determinadas normas. Entre esses dois conceitos, que aparentemente se excluem, o homem fica confuso. A pergunta que você fez é um exemplo típico dessa confusão.

Um Criador onipotente e um homem responsável por si mesmo só se excluem mutuamente quando encarados no tempo, e a partir da mente, quando esse criador onipotente é visto como alguém que atua como o homem, no tempo, a partir da mente. Não é preciso ter atingido o estado de ser em consciência para perceber que, na realidade, no estado de ser, não existe conflito algum entre as duas coisas. Tudo que vocês precisam fazer é se olharem sem resistência, sem fingirem ser mais do que são, sem lutar para serem mais perfeitos do que são, nesse momento. O fato de vocês encarem um aspecto de si mesmos com essa liberdade faz com que, naquele momento, vocês alcancem o estado de ser, e interiormente percebam a verdade de Deus como Ser sem contradições do tipo que veio à tona nessa pergunta. Então vocês saberão, no íntimo, que a total responsabilidade por si mesmo não exclui um Ser supremo. A pessoa que não está preparada interiormente não pode entender o que estou dizendo agora.

Nesse sentido, gostaria de dizer que pode ocorrer a alguns de vocês por que razão é que alguns grandes espíritos, incorporados ou desincorporados, por meio de médiuns humanos, transmitiram grande sabedoria, e no entanto seus ensinamentos parecem na verdade estimular uma das etapas temporárias que mencionei como uma fase do grande ciclo. Os ensinamentos deles foram adaptados a essa etapa ainda imatura, e não para tirar as pessoas dela. Vocês podem perguntar, com razão, por que isso é assim. A resposta é que cada etapa precisa ser vivida até o fim. Não se pode forçar alguém a pular uma etapa; caso contrário, alguma coisa não assimilada permanecerá na alma e se manifestará mais tarde. Vamos supor que tivéssemos um grupo de pessoas aqui que não passaram pelo desenvolvimento que vocês tiveram nos últimos anos. O que eu dissesse agora, por exemplo, sobre o relacionamento com Deus não faria absolutamente nenhum sentido. Uma pessoa que ainda não tenha sentido, pelo menos até certo ponto, a paz do verdadeiro autoconhecimento, sem se condenar nem se justificar, por mais raramente que isso tenha acontecido com vocês, não pode apreender o significado do estado de ser. Se um grupo estiver, vamos dizer, entre a segunda e a terceira etapas desse grande ciclo, um espírito terá de falar de forma tal que a pessoa o entenda. No entanto, ele não mente. Mas para esse grupo, é humanamente impossível entender mais. O único meio é levar o grupo a

ultrapassar gradualmente essa etapa e passar a olhar para si mesmos para que seja possível absorver mais verdade, mesmo que a mente não consiga acompanhar. É por isso que pode acontecer muitas vezes que os ajudantes espirituais, deste ou de outro mundo, pareçam estimular uma fase da qual vocês já saíram.

COMENTÁRIO: Sei que se eu tivesse ouvido essa palestra há um ano, não acharia o que estou achando agora.

RESPOSTA: É claro que não. Agora, pelo menos, existe uma possibilidade de entender, captar, sentir, mesmo que seja só em raros momentos.

Em menor escala, o homem repete esses ciclos muitas e muitas vezes em vários níveis. Não atravessa cada uma dessas etapas só uma vez. Vocês podem até observar que as palestras que fiz a vocês em todos esses anos, de certa forma, passam por essas etapas. Cada uma das fases que atravessamos preparou vocês para o que é fundamental: o autoconhecimento. A capacidade, a disposição, a coragem, o incentivo, o motivo para assim agir precisa ser cultivado e não vem com facilidade. É por isso que existem essas fases. Mas elas não existem como leis prontas. Elas existem por causa do ritmo de crescimento inerente ao homem que não pode ser apressado. No entanto, isso requer incentivo e preparo. Requer ajuda para voltar a atenção para as resistências.

PERGUNTA: Você poderia falar mais sobre o sentido da prece nas diversas fases?

RESPOSTA: Creio que isso fica evidente pela própria palestra. A prece é adaptada à atitude consciente e aos conceitos de qualquer fase. Na primeira fase, quando o homem ainda está quase no estado de ser sem consciência, não existe prece, porque não existe conceito de Deus. Na fase seguinte, quando o homem começa a fazer perguntas e a refletir, e essa experiência espontânea de refletir e deixar-se tomar por novas considerações isso é, em si mesmo, prece ou meditação. A etapa seguinte pode ser a percepção de uma Inteligência Suprema. Nessa etapa, a prece toma a forma de admiração da maravilha que é o universo e a natureza. É a adoração. Na fase seguinte, quando a confusão da mente, a imaturidade e a inadequação geram medo, apego, impotência, dependência; quando os desejos mentais (*wishful thinking*) e a cobiça, a não aceitação da realidade geram a súplica, a prece também se expressa dessa forma. Quando parece que as preces são respondidas nesse estado, não é porque Deus age, mas porque, de certa forma, o homem é sincero apesar de todos os seus autoenganos e fugas e, assim, abriu um canal através do qual as leis do ser podem entrar nele. Essa é uma distinção importante que só será percebida numa etapa posterior. Quando o homem percebe sua própria participação no fato de a prece ser ou não respondida, ele perde a sensação de impotência e de arbitrariedade de um Deus caprichoso que é preciso apaziguar por meio de regras impostas e feitas pelo homem. Mas eu também poderia acrescentar que o que muitas vezes parece ser uma prece respondida é a força de uma mente sem conflitos na área específica em que a prece é respondida, pelo menos naquela ocasião.

Quando o homem entra no estado de independência, quando ele abandona o Deus imaginário que pune, recompensa e conduz a sua vida; quando ele se encontra no estado de ateísmo, de negação de qualquer ser superior, naturalmente ele não ora, pelo menos não no sentido convencional. Ele pode meditar, pode olhar para si mesmo de modo sincero e isso, como todos vocês a essa altura já sabem, é a melhor prece no verdadeiro sentido da palavra. Mas também pode ser que o homem, no estado de ateísmo, seja completamente irresponsável e deixe de pensar e olhar para si mesmo.

Ele pode fugir de si mesmo da mesma forma que a pessoa que usa Deus como uma fuga de si mesmo.

Quando o homem atinge a etapa de busca ativa do autoconhecimento, de olhar para si mesmo como realmente é, ele pode, no começo, ainda estar acostumado à velha prece de implorar ajuda, de pedir que Deus faça por ele o que costumava evitar fazer. No entanto, apesar desse hábito de prece, ele começa a olhar para si mesmo. Somente depois de atingir níveis mais profundos desse processo de encarar a si mesmo é que ele gradualmente evita o tipo de prece a que estava acostumado. Ele pode até passar por uma fase em que absolutamente não ora, no sentido comum. Mas ele medita – e essa é muitas vezes a melhor prece! Ele medita olhando para suas reais motivações, permitindo que seus sentimentos reais aflorem, questionando qual é a razão de ser desses sentimentos. Nesse tipo de atividade, a prece no velho sentido se torna cada vez mais sem sentido, mais contraditória. Sua prece é o ato de autoconhecimento e de olhar para si mesmo com verdade. Sua prece é sua intenção sincera de enfrentar o que pode ser mais desagradável. É prece porque contém a atitude de que a verdade em nome da verdade é o limiar para amar. Sem verdade e sem amor não pode haver experiência de Deus. O amor não pode surgir da tentativa de fingir que uma verdade não é sentida. Mas o amor pode nascer do enfrentamento da verdade, por maior que seja a imperfeição. Essa atitude é prece. A integridade consigo mesmo é prece; a atenção para a própria resistência é prece; assumir algo que a pessoa escondeu por vergonha é prece. Quando isso continua, o estado de ser gradualmente passa a existir, pouco a pouco, sem interrupções. Então, nesse estado de ser, a prece deixa de ser um ato de palavras ou pensamentos pronunciados. É um sentimento de ser no eterno agora; de fluir numa corrente de amor com todos os seres; de entendimento e percepção; de estar vivo. É impossível transmitir que esses aspectos que mencionei aqui, além de muitos outros sentimentos indescritíveis, constituem a prece no mais elevado sentido. É a consciência de Deus em Sua Realidade. Mas esse tipo de prece não pode ser imitado nem aprendido através de ensinamentos, práticas ditadas ou disciplinas. É o resultado natural da coragem e da humildade de ver a si mesmo totalmente e sem reservas. Enquanto vocês não atingirem esse estado mais elevado de relacionamento com Deus, de ser, onde a prece e o ser são uma só coisa, tudo o que podem fazer, a melhor prece do mundo, é a intenção constantemente renovada de olhar para si mesmos sem nenhuma reserva; de eliminar todos os disfarces entre a mente consciente e o que está dentro de vocês; e depois, eliminar o disfarce entre o que está em vocês e nos outros. Este é o caminho, meus amigos.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.